

UM NOVO HERÓI LEVANTA VOO

# SKANDAR

E O

## ROUBO DO UNICÓRNIO



A.F. STEADMAN

*Para o Joseph,  
cujo mais puro altruísmo,  
amor e bondade infindável  
deram asas a estes unicórnios.*

# A ILHA

TERRAS SELVAGENS

ZONA DO FOGO

ARENA

NINHO DA ÁGUA

PRISÃO

QUATRO-CAMINHOS

ZONA DO AR





ZONA DA ÁGUA



INCUBADORA

CEMITÉRIO

PRAIA DO PESCADOR

ROCHEDOS ESPELHADOS

ZONA DA TERRA

TERRAS SELVAGENS



IRLANDA

A ILHA

PAIS DE GALES

INGLATERRA

Unicórnio Branco de Uffington



# ÍNDICE

Prólogo	xi
<i>Capítulo Um: O Roubo</i>	1
<i>Capítulo Dois: Trancados Fora de Casa</i>	19
<i>Capítulo Três: O Exame de Incubação</i>	33
<i>Capítulo Quatro: Os Rochedos Espelhados</i>	53
<i>Capítulo Cinco: O Túnel dos Vivos</i>	70
<i>Capítulo Seis: Destino do Patife</i>	84
<i>Capítulo Sete: O Elemento da Morte</i>	95
<i>Capítulo Oito: O Ninho da Águia</i>	113
<i>Capítulo Nove: As Falhas Geológicas</i>	129
<i>Capítulo Dez: Problemas Prateados</i>	152
<i>Capítulo Onze: Segredos da Ilha</i>	177
<i>Capítulo Doze: A Mutação</i>	200
<i>Capítulo Treze: Mousse de Chocolate</i>	219
<i>Capítulo Catorze: O Festival do Fogo</i>	241
<i>Capítulo Quinze: A Debandada</i>	270
<i>Capítulo Dezasseis: Batalhas Aéreas</i>	289
<i>Capítulo Dezassete: O Covil do Espírito</i>	313
<i>Capítulo Dezoito: A Árvore do Triunfo</i>	332
<i>Capítulo Dezanove: O Cemitério</i>	345
<i>Capítulo Vinte: A Prova de Treino</i>	362
<i>Capítulo Vinte e Um: O Tear</i>	378
<i>Capítulo Vinte e Dois: Casa</i>	401



## PRÓLOGO

*O operador de câmara ouviu os unicórnios antes de os ver.  
Guinchos agudos, rugidos assassinos, o ranger de dentes sangrentos.  
O operador de câmara cheirou os unicórnios antes de os ver.  
Hálito rançoso, carne putrefacta, o cheiro nauseabundo da morte  
imortal.*

*O operador de câmara também sentiu os unicórnios antes de os ver.  
Algures nas profundezas dos seus ossos, os cascos infetos dos uni-  
córnios retumbaram e o pânico começou a crescer — até cada nervo,  
cada célula, lhe dizer que fugisse. Mas ele tinha um trabalho a fazer.*

*O operador de câmara viu os unicórnios surgirem no topo da colina.  
Eram oito. Espíritos malévolos que galopavam pelo prado, com asas  
esqueléticas que se abriam e levantavam voo.*

*Tal como o olho de uma tempestade sombria, fumo negro girava ao  
seu redor, os trovões ressoavam no seu encalço e relâmpagos atingiam  
a terra muito abaixo das suas terríveis patas.*

*Oito chifres fantasmagóricos perfuraram o ar, quando os monstros  
uivaram o seu grito de guerra.*

## SKANDAR E O ROUBO DO UNICÓRNIO

*Os aldeões começaram a gritar; alguns tentaram fugir. Mas era demasiado tarde para isso.*

*O operador de câmara estava na praça da aldeia quando o primeiro unicórnio aterrou.*

*Expeliu faíscas e bateu com as patas no chão, causando devastação e desordem a cada respiração ofegante.*

*O operador de câmara continuou a filmar, apesar das mãos trémulas. Ele tinha um trabalho a fazer.*

*O unicórnio baixou a cabeça gigante, com o chifre qual lâmina a apontar diretamente para a lente.*

*Os seus olhos raiados de sangue encontraram-se com os olhos do operador de câmara, que neles só viu destruição.*

*Já não havia esperança para esta aldeia. Não havia esperança para ele.*

*Mas ele sempre soubera que não sobreviveria a uma debandada de unicórnios selvagens.*

*Só esperava que as imagens da câmara chegassem ao Continente.*

*É que ver um unicórnio selvagem é o mesmo que morrer.*

*O homem baixou a câmara, na esperança de que o seu trabalho estivesse concluído.*

*Porque os unicórnios não pertencem aos contos de fadas; pertencem aos pesadelos.*



CAPÍTULO UM

## O ROUBO

Skandar Smith fitou o pôster do unicórnio que estava em frente da sua cama. Já havia luz suficiente lá fora para ver as asas do unicórnio esticadas em pleno voo: armadura brilhante e prateada a cobrir a maior parte do corpo, expondo apenas os olhos vermelhos e bravios, uma mandíbula enorme e um chifre cinzento e aguçado. Gelo da Nova Era tornara-se o unicórnio preferido de Skandar desde que a sua cavaleira, Aspen McGrath, se qualificara para a Taça do Caos há três anos. E Skandar achava que hoje — na corrida deste ano — talvez eles tivessem hipótese de ganhar.

Skandar recebera o pôster há três meses, quando fizera treze anos. Ficara a observá-lo através da montra da livraria, a imaginar que era ele o cavaleiro de Gelo da Nova Era e que estava junto ao unicórnio, fora do enquadramento do pôster, pronto para a corrida. Sentira-se muito mal em pedi-lo ao pai. Tanto quanto se lembrava, nunca tinham tido muito dinheiro — não costumava pedir nada. Mas Skandar quisera tanto o pôster e...



## SKANDAR E O ROUBO DO UNICÓRNIO

Ouviu-se um estrondo vindo da cozinha. Em qualquer outro dia, Skandar teria saltado da cama, aterrorizado com a ideia de poder haver um estranho no apartamento. Normalmente, ele ou a irmã, Kenna, que dormia na cama do outro lado do quarto, estavam encarregados de fazer o pequeno-almoço. Não era que o pai de Skandar fosse preguiçoso — não era isso —, só não conseguia levantar-se na maior parte dos dias, especialmente quando não tinha um emprego à sua espera. E já não tinha um emprego há algum tempo.

Mas hoje não era um dia qualquer. Hoje, era o dia da corrida. E, para o Pai, a Taça do Caos era melhor do que os aniversários, melhor ainda do que o Natal.

— Vais parar de olhar para esse estúpido póster algum dia? — resmungou Kenna.

— O Pai está a fazer o pequeno-almoço — disse Skandar, na esperança de que isto animasse a irmã.

— Não tenho fome. — Ela virou-se e ficou de frente para a parede, com o cabelo castanho a sair por baixo do edredão. — Já agora, não há a menor hipótese de a Aspen e o Gelo da Nova Era ganharem hoje.

— Pensei que não estavas interessada.

— Não estou, mas... — Kenna voltou a girar, franzindo os olhos para Skandar, à luz da manhã. — Tens de ver as estatísticas, Skar. As batidas de asa por minuto do Gelo são apenas medianas, tendo em conta os 25 em competição. E depois há o problema de o seu elemento aliado ser água.

— Que problema? — O coração de Skandar animou-se, embora Kenna insistisse que Aspen e Gelo não ganhariam. Ela não falava de unicórnios há tanto tempo que ele quase se esquecera

## O ROUBO

de como era. Quando eles eram mais novos, estavam constantemente a debater sobre quais os elementos que teriam, se um dia fossem cavaleiros de unicórnios. Kenna costumava dizer que seria uma detentora do fogo, mas Skandar nunca conseguia decidir-se.

— Já te esqueceste das tuas aulas de Incubação? A Aspen e o Gelo da Nova Era são aliados da água, certo? E há dois detentores do ar entre os favoritos: a Ema Templeton e o Tom Nazari. Ambos sabemos que o ar tem vantagem sobre a água!

Agora, a irmã de Skandar estava apoiada sobre o cotovelo, com o rosto magro e pálido a brilhar de entusiasmo, o cabelo cor de avelã despenteado e os olhos excitados. Kenna era um ano mais velha do que Skandar, mas eram tão parecidos que muitas vezes lhes perguntavam se eram gémeos.

— Vais ver — disse Skandar, a sorrir. — A Aspen aprendeu com as suas outras Taças do Caos. Ela não vai usar apenas água; é mais esperta do que isso. O ano passado, ela combinou os elementos. Se eu estivesse a participar com o Gelo da Nova Era, escolheria relâmpagos e ataques com turbilhões...

O rosto de Kenna alterou-se imediatamente. Os seus olhos perderam o brilho; o sorriso desapareceu dos cantos da boca. O seu cotovelo cedeu, e ela virou-se novamente para a parede, enrolando o edredão cor de coral à volta dos ombros.

— Desculpa, Kenn, eu não queria...

O cheiro a *bacon* e torradas queimadas passou por baixo da porta. O estômago de Skandar roncou no silêncio.

— Kenna?

— Deixa-me em paz, Skar.

— Não vais ver a Taça comigo e com o Pai?

## SKANDAR E O ROUBO DO UNICÓRNIO

Mais uma vez, não obteve resposta. Skandar vestiu-se à meia-luz da manhã, com a decepção e a culpa a apertarem-lhe a garganta. Ele não devia ter dito aquilo, *se eu estivesse a participar*. Eles estavam a falar como costumavam fazer antes de Kenna realizar o exame de Incubação, antes de todos os seus sonhos se terem desmoronado.

Skandar entrou na cozinha ao som de ovos a fritar e da barulheira da cobertura antecipada da Taça. O Pai cantarolava, inclinado sobre a frigideira. Quando o viu, lançou-lhe um enorme sorriso. Skandar não se lembrava da última vez que o vira sorrir.

O rosto do Pai entristeceu um pouco.

— Nada da Kenna, ainda?

— Está a dormir — mentiu Skandar, não querendo estragar-lhe o bom humor.

— Este ano vai ser difícil para ela, suponho. É a primeira corrida desde...

Skandar não precisava que ele terminasse a frase. Esta era a primeira Taça do Caos desde que Kenna fora chumbada no exame de Incubação no ano passado, perdendo qualquer hipótese de se tornar cavaleira de um unicórnio.

O problema é que o Pai nunca agira como se passar no exame de Incubação fosse uma coisa rara. Ele gostava tanto de unicórnios que estava desesperado para que um dos seus filhos se tornasse cavaleiro. Dizia que isso resolveria tudo — os problemas financeiros, o futuro, a felicidade deles e até mesmo os dias em que ele não conseguia sair da cama. Afinal de contas, os unicórnios eram mágicos.

Assim, durante toda a vida de Kenna, ele insistira que ela passaria no exame e abriria a porta da Incubadora na Ilha. Que

## O ROUBO

ela estava destinada ao ovo de um unicórnio que se encontrava preso lá dentro. Que ela deixaria a mãe orgulhosa. Tão-pouco ajudara que Kenna tivesse sido sempre a melhor aluna das aulas de Incubação na Escola Secundária Christchurch. Os professores diziam que, se alguém tinha hipóteses de chegar à Ilha, era Kenna Smith. E depois ela fora chumbada.

Agora, há meses que o pai de Skandar lhe dizia o mesmo. Que era possível, provável, até inevitável que ele se tornasse cavaleiro. E, apesar de saber quão invulgar era — apesar de ver Kenna tão desapontada o ano passado —, Skandar queria mais do que *tudo* que isso fosse verdade.

— Este ano é a tua vez, hã? — O Pai despenteou o cabelo de Skandar com uma mão gordurosa. — Ora bem, a melhor forma de fazer pão frito...

À medida que o Pai lhe dava instruções, Skandar acenava nos momentos certos, fingindo que ainda não sabia como se fazia. Outras crianças poderiam achar isto irritante, mas Skandar ficava simplesmente contente quando o Pai o premiava com um «mais-cinco» por ele ter conseguido que o pão ficasse perfeitamente crocante.

Kenna não veio tomar o pequeno-almoço, mas o Pai não pareceu importar-se muito, enquanto, juntamente com Skandar, devorava as salsichas, o *bacon*, os ovos, os feijões e o pão frito. Skandar absteve-se de perguntar de onde viera o dinheiro para toda aquela comida extra. Era o dia da corrida. Era óbvio que o Pai queria esquecer tudo isso, e Skandar também. Só por hoje. Assim sendo, agarrou numa embalagem novinha em folha de maionese e apertou-a por cima da comida, sorrindo ao ouvir o som satisfatório do produto a esguichar.

## SKANDAR E O ROUBO DO UNICÓRNIO

— A Aspen McGrath e o Gelo da Nova Era ainda são os teus favoritos? — perguntou o Pai entre dentadas. — Esqueci-me de dizer, mas se quiseres convidar amigos para verem a corrida, por mim está tudo bem. Muitos miúdos fazem isso, não fazem? Quero que aproveites.

Skandar fitou o prato. Como é que poderia sequer começar a explicar que não tinha amigos para convidar? E, pior ainda, que isso era mais ou menos culpa do Pai?

O problema era que cuidar do Pai quando ele não estava bem — não muito feliz — significava que Skandar não aproveitava muitas das coisas «normais» que deveria fazer para conseguir ter amigos. Ele nunca podia ficar depois da escola para ir ao parque; não tinha mesada para ir ao salão de jogos, nem para ir comer peixe com batatas fritas à socapa, na praia de Margate. No início, Skandar não percebera, mas era nessas alturas que as pessoas faziam realmente amigos, e não nas aulas de Inglês ou a comer um bolo com creme bafiento durante o intervalo da manhã. E cuidar do Pai significava que, às vezes, Skandar não tinha roupas lavadas ou tempo para lavar os dentes. E as pessoas reparavam. Reparavam sempre — e lembravam-se.

De algum modo, para Kenna, não fora tão mau. Skandar achava que o facto de ela ser mais confiante do que ele ajudava. Sempre que Skandar tentava pensar em algo inteligente ou engraçado para dizer, o seu cérebro bloqueava. Conseguiria lembrar-se de alguma coisa uns minutos mais tarde, mas, frente a frente com um colega, só sentia um zumbido estranho na cabeça, um vazio. Kenna não tinha esse problema; uma vez, ele ouvira-a confrontar um grupo de raparigas que comentavam em voz baixa que o Pai era estranho:

## O ROUBO

— O pai é meu, o problema é meu — dissera muito calmamente. — Não se metam ou vão arrepender-se.

— Eles estão ocupados com as suas famílias, Pai — acabou por balbuciar Skandar, sentindo-se enrubescer, o que acontecia sempre que não dizia toda a verdade.

Mas o Pai não notou; começara a empilhar os pratos, algo que era uma visão tão rara que Skandar piscou os olhos duas vezes para ter a certeza de que era real.

— Então e o Owen? Ele é muito teu amigo, não é?

Owen era do pior. O Pai achava que eles eram amigos porque uma vez vira centenas de notificações dele no telemóvel de Skandar. Skandar não mencionara que as mensagens estavam longe de ser amigáveis.

— Ah, sim, ele adora a Taça do Caos. — Skandar levantou-se para ajudar. — Mas ele vai ver com os avós, e eles moram longíssimo. — Skandar nem sequer estava a inventar; ouvira Owen a queixar-se disso ao seu grupinho. Mesmo antes de arrancar três páginas do manual de Matemática de Skandar, de as amarrotar e de as atirar à cara dele.

— KENNA! — gritou o Pai de repente. — Vai começar a qualquer instante!

Como não obteve resposta, desapareceu no quarto deles, e Skandar sentou-se no sofá, a ver a cobertura televisiva, agora ao rubro.

Um repórter entrevistava um antigo cavaleiro da Taça do Caos na arena principal, mesmo à frente da barra da partida. Skandar aumentou o volume.

— ... e acha que hoje vamos ver intensas batalhas elementais? — A cara do repórter estava corada com a excitação.

## SKANDAR E O ROUBO DO UNICÓRNIO

— De certeza — respondeu o cavaleiro, acenando com confiança. — Há uma boa mistura de capacidades entre os concorrentes, Tim. As pessoas estão a concentrar-se na força do fogo do Federico Jones e da Seiva do Ocaso, mas o que dizer da Ema Templeton e da Fobia da Montanha? Podem ser aliadas do ar, mas têm vários talentos. As pessoas esquecem-se de que os melhores cavaleiros da Taça do Caos são peritos nos quatro elementos; não apenas naquele a que se aliaram.

Os quatro elementos eram a base do exame de Incubação. Skandar passara horas a aprender que unicórnios famosos e cavaleiros eram aliados do fogo, da água, da terra ou do ar; que ataques e defesas iriam privilegiar nas batalhas aéreas. Os nervos apoderaram-se do estômago de Skandar; não podia acreditar que o exame era depois de amanhã.

O Pai voltou, com um olhar preocupado no rosto.

— Ela vem daqui a nada — disse, sentando-se ao lado de Skandar no velho sofá gasto. — É difícil para miúdos como vocês perceberem verdadeiramente. — Largou um suspiro, fitando o ecrã. — Há 13 anos, quando a minha geração viu a Taça do Caos, saber que a Ilha existia era o suficiente. Eu era demasiado velho para ser cavaleiro. Mas a corrida, os unicórnios, os elementos... eram mágicos para nós; para mim e para a vossa mãe.

Skandar ficou muito quieto, sem se atrever a desviar a cabeça do ecrã enquanto os unicórnios entravam na arena. O Pai só falava na mãe de Skandar e Kenna no dia da Taça do Caos. Aos sete anos, Skandar desistira de perguntar sobre ela em qualquer outra altura — aprendera que isso deixava o Pai zangado e aborrecido, aprendera que isso o fazia desaparecer no seu quarto durante dias.

## O ROUBO

— Nunca vi a tua mãe tão emocionada como no dia da primeira Taça do Caos — continuou o Pai. — Ela estava sentada precisamente no sítio onde estás agora, a sorrir e a chorar, segurando-te nos seus braços. Só tinhas dois meses, tu.

Skandar já ouvira aquilo antes, mas não se importava minimamente. Ele e Kenna estavam sempre desesperados por ouvir falar da mãe. A avó — a mãe do Pai — costumava falar-lhes sobre ela, mas eles gostavam mais quando era o Pai, a pessoa que mais a amara, a contar as histórias. E, às vezes, quando ele as repetia, havia novos pormenores, como o facto de Rosemary Smith lhe chamar sempre Bertie, e nunca Robert. Ou como gostava de cantar no banho, ou a sua flor preferida — amores-perfeitos —, ou o elemento que ela gostara mais de ver — água — na primeira e última Taça do Caos a que alguma vez assistira.

— Nunca me vou esquecer — continuou o Pai, a olhar diretamente para Skandar — que, quando a primeira Taça do Caos terminou, a tua mãe pegou na tua mãozinha, desenhou um padrão na tua palma e sussurrou, como se fosse uma prece: «Prometo-te um unicórnio, meu pequenino.»

Skandar engoliu com força. O Pai nunca lhe tinha contado esta história. Talvez a tivesse guardado para o ano do seu exame de Incubação. Talvez nem sequer fosse verdade. Skandar nunca saberia se Rosemary Smith lhe prometera realmente um unicórnio, porque — sem aviso, três dias depois de o Continente ter visto a corrida dos unicórnios pela primeira vez — a sua mãe morrerá.

Skandar nunca o dissera ao Pai, nem sequer a Kenna, mas parte do motivo por que gostava tanto da Taça do Caos era que isso o fazia sentir-se próximo da mãe. Imaginava-a a observar



## SKANDAR E O ROUBO DO UNICÓRNIO

os unicórnios com o entusiasmo a crescer no peito — tal como acontecia com ele —, e era como se ela estivesse ao seu lado.

Kenna entrou na sala como um furacão, com uma taça de cereais equilibrada na palma da mão.

— A sério, Skar? Maionese ao pequeno-almoço? — Ela apontou para o prato besuntado de Skandar, no topo da pilha de loiça. — Estou farta de te dizer: não é uma comida preferida aceitável, maninho.

Skandar encolheu os ombros, e Kenna riu-se enquanto se enfiava no sofá ao lado dele.

— Olhem só para vocês a ocupar tanto espaço. Para o ano, vou estar sentado no chão! — disse o Pai, a rir-se.

O coração de Skandar ficou apertado. Se o exame dele corresse bem, no próximo ano ele não estaria ali com eles, mas sim a assistir à Taça do Caos em pessoa, na Ilha, e teria o seu próprio unicórnio.

— Kenna, cartas na mesa! Qual é o teu favorito? — quis saber o Pai, inclinando-se sobre Skandar.

Ela ficou a olhar para a televisão, enquanto mastigava de forma temperamental.

— Há bocado, ela disse que a Aspen e o Gelo da Nova Era *não vão* ganhar — comentou Skandar, à procura de uma reação.

Funcionou.

— Talvez noutro ano a Aspen consiga, mas esta corrida não é boa para uma detentora da água. — Kenna prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, um gesto tão familiar que fez Skandar sentir-se seguro. Era como se Kenna fosse ficar bem, mesmo que no próximo ano ele a deixasse sozinha no sofá com o Pai.

Skandar abanou a cabeça.

## O ROUBO

— Eu disse-te que a Aspen não vai apenas contar com o elemento água. Ela é mais esperta do que isso; de certeza que também vai usar ataques de ar, fogo e terra.

— Mas um cavaleiro é sempre melhor no seu elemento aliado, Skar. É por isso que se chama *aliado*... dah! Digamos que a Aspen usava um ataque de fogo. Não se vai comparar com nada que um *verdadeiro* detentor do fogo consiga fazer, pois não?

— Está bem. Então, quem é que *tu* achas que vai ganhar?

— Skandar endireitou-se, enquanto o Pai aumentava o volume, e os comentários se tornavam mais frenéticos, à medida que os concorrentes se empurravam para ficarem em posição atrás da barra da partida.

— A Ema Templeton e a Fobia da Montanha — disse Kenna muito baixinho. — Ficou em 10.º o ano passado, é detentora do ar, tem muita resistência, é corajosa e inteligente. É o tipo de cavaleira que eu teria sido.

Era a primeira vez que Skandar ouvia Kenna admitir que nunca seria uma cavaleira. Ele queria dizer alguma coisa, mas não sabia o quê, e depois já era demasiado tarde. Então, ficou a escutar o comentador a tentar encher os segundos antes de a corrida começar:

— Para aqueles que acabaram de se juntar a nós, estamos em direto de Quatro-Caminhos, a capital da Ilha. E dentro de alguns instantes, estes unicórnios vão voar desta famosa arena e começar a corrida no ar: uma dura prova de 16 quilómetros de resistência e capacidades de batalha aérea. Nesta corrida, os cavaleiros têm de contornar os marcadores flutuantes pelo lado de fora ou arriscam-se a ser eliminados. Não é fácil quando há outros 24 concorrentes a tentar atingi-los com magia elemental

## SKANDAR E O ROUBO DO UNICÓRNIO

e a atrasá-los a cada volta... Oh, vamos à contagem decrescente. Cinco, quatro, três, dois, um... E partiram!

Skandar viu 25 unicórnios, cada um deles com o dobro do tamanho de um cavalo, precipitarem-se para a frente quando a barra da partida subiu por cima dos seus chifres. As armaduras das pernas dos cavaleiros chocavam com as dos concorrentes de cada lado quando incitavam os unicórnios, tentando obter vantagem, agachando-se nas suas selas para ganhar velocidade. E depois era a parte favorita de Skandar. Os unicórnios começaram a esticar as suas magníficas asas emplumadas e a subir, deixando a areia da arena muito abaixo. Os microfones apanhavam os gritos que os cavaleiros davam através dos elmos. E também apanhavam outra coisa: um som que ainda lançava arrepios pela espinha de Skandar, embora ele o tivesse ouvido em todos os dias de corrida da sua vida. Bramidos guturais que vinham do fundo do peito dos unicórnios — mais aterradores do que o rugido de um leão, mais antigos e primitivos do que qualquer outra coisa que ele tivesse ouvido no Continente. O tipo de som que dava vontade de fugir.

Os unicórnios batiam uns nos outros em pleno ar para obter as melhores posições, com armaduras de metal que chocalhavam e raspavam. As pontas dos seus chifres brilhavam à luz do Sol, enquanto tentavam ferir os seus rivais. A espuma crescia à volta dos seus dentes cerrados, e as suas narinas tinham um brilho vermelho. Agora que estavam no ar, a magia elemental iluminava o céu: bolas de fogo, tempestades de pó, brilhos de relâmpago, paredes de água. Batalhas aéreas desenrolavam-se furiosamente contra um fundo de nuvens brancas e fofas. As palmas das mãos direitas dos cavaleiros brilhavam com poder

## O ROUBO

elemental, enquanto tentavam avançar desesperadamente pela pista de corridas.

E não era bonito. Os unicórnios pontapeavam-se, arrancavam carne dos flancos uns dos outros com os dentes e atingiam os seus rivais à queima-roupa. Passados três minutos, a câmara apanhou um unicórnio e uma cavaleira — com o cabelo em chamas e um braço pendurado inutilmente — que caíam em espiral em direção ao solo e aterravam com um estrondo, com fumo a sair da asa do unicórnio e da cabeça loira da cavaleira.

O comentador lamentou:

— Hilary Winters e Flor-de-Lis Acutilante estão *fora* da Taça do Caos deste ano. Parece ser um braço partido, umas queimaduras feias e uma lesão na asa de Flor-de-Lis.

A câmara voltou para o grupo da frente. Federico Jones e Seiva do Ocaso estavam envolvidos numa batalha aérea com Aspen McGrath e Gelo da Nova Era. Aspen evocara um arco de gelo e disparava seta atrás de seta sobre as costas revestidas a armadura de Federico, tentando atrasá-lo. Federico tinha um escudo flamejante para derreter as setas, mas Aspen tinha boa pontaria e Gelo da Nova Era estava a ganhar terreno. Mas Federico não se deu por vencido. Quando Aspen se aproximou com Gelo, chamas explodiram no céu por cima da cabeça dela.

— É um ataque de fogos-fátuos de Federico. — O comentador parecia impressionado. — É complicado àquela altura e velocidade. Mas... Oh! Vejam bem isto!

Cristais de gelo formavam-se numa teia à volta de Gelo da Nova Era, à volta de Aspen, até eles ficarem selados num casulo gelado tão denso que os fogos-fátuos não conseguiam tocar-lhes; Skandar viu Federico gritar de desilusão, enquanto ele e Seiva

do Ocaso ficavam para trás devido ao esforço do ataque de fogo, e Aspen rompia a sua concha de gelo para os ultrapassar.

— Na liderança, temos Tom Nazari em Pranto do Diabo, seguido por Ema Templeton em Fobia da Montanha. Em 3.º está Alodie Birch em Príncipe dos Juncos, e depois daquela incrível combinação de ar e água, Gelo da Nova Era e Aspen McGrath estão agora em 4.º com... Mas parece que Aspen vai fazer outra jogada. — O comentador interrompeu-se, com a voz a subir de tom. — Ela está a ganhar velocidade.

O cabelo ruivo de Aspen voava atrás dela, com Gelo da Nova Era a fazer um arranque de velocidade inacreditável, as asas desfocadas, passando sem cerimónias por Príncipe dos Juncos, esquivando-se de um relâmpago que não atingiu Aspen por milímetros. Depois, as grandes asas cinzentas de Gelo planaram sobre a favorita de Kenna, Fobia da Montanha, e depois sobre o unicórnio negro de Tom Nazari, Pranto do Diabo. E Aspen ficou à frente.

— Boa! — Skandar deu um murro no ar. Não era um gesto muito típico dele, mas isto era espetacular, inacreditável.

— Nunca vi nada assim — gritou o comentador. — Vejam só a distância a que ela está!

Kenna susteve a respiração, com os olhos fixos nos unicórnios, enquanto estes se aproximavam da meta.

— Não acredito nisto!

— Ela vai ganhar por cem metros — guinchou outro comentador.

Skandar observou, boquiaberto, os cascos de Gelo da Nova Era a tocarem na areia da arena. Aspen impeliu-o para a frente, com uma determinação feroz no olhar ao passar por baixo do arco da meta.

## O ROUBO

Skandar saltou, gritando de entusiasmo.

— Eles ganharam! Eles ganharam! Vês, Kenna, eu disse-te! Eu sabia, eu sabia!

Kenna ria-se, com os olhos a brilhar, e isso tornou a vitória ainda melhor.

— Pronto, Skar. Eles foram qualquer coisa de espetacular, admito. Aqueles cristais de gelo... Que jogada! Nunca vi...

— Esperem. — O Pai estava de pé junto ao ecrã. — Há algo de errado.

Skandar aproximou-se dele de um lado, e Kenna do outro. Skandar conseguia ouvir a multidão a gritar, mas já não era de entusiasmo; era de medo. Os unicórnios não continuavam a passar pelo arco para terminar a corrida. Os comentadores ficaram em silêncio, a imagem parou: só havia um único ângulo da arena, como se os operadores de câmara tivessem abandonado os seus postos.

Um unicórnio aterrou no meio da arena. Não se parecia com nenhum dos outros — nem com Seiva do Ocaso, nem com Gelo da Nova Era ou com Fobia da Montanha — cujo desfile de vitória interrompera. As asas deste unicórnio quase não tinham penas — como as de um morcego — e o corpo era esquelético e malnutrido. Os olhos eram duas fendas vermelhas e assombradas. Tinha sangue seco à volta da mandíbula e rangia os dentes para os corredores, como se os desafiasse a atacarem-no.

Só quando Skandar reparou no chifre transparente do unicórnio é que se apercebeu.

— É um unicórnio selvagem — sussurrou. — Como aqueles do velho vídeo que a Ilha mostrou no Continente. O vídeo que há uma série de anos convenceu o Continente de que os unicórnios eram reais. Aquele em que atacaram a aldeia...

— Há algo de errado — disse o Pai novamente.

— Não pode ser um unicórnio selvagem — murmurou Kenna.  
— Tem um cavaleiro.

Skandar não reparara na pessoa — pelo menos, ele achava que era uma pessoa — montada no dorso. O cavaleiro usava um manto preto e esvoaçante que batia ao vento, com a parte de baixo rasgada e esfarrapada. Uma risca larga pintada de branco no rosto disfarçava a face, da base da garganta até ao topo da cabeça, terminando num cabelo escuro e curto.

O unicórnio empinou-se — pontapeando o ar com os cascos, expelindo um fumo negro e espesso. O cavaleiro-fantasma deixou escapar um uivo triunfante, o unicórnio guinchou e fumo encheu a arena. Skandar observou o unicórnio avançar sobre os concorrentes da Taça do Caos, com faíscas a dançarem à volta dos seus cascos, e um jato branco vindo da palma da mão do cavaleiro iluminou o ecrã. No momento antes de a imagem desaparecer completamente em fumo negro, o cavaleiro virou-se e — lenta e deliberadamente — ergueu um dedo comprido e ossudo diretamente para a câmara.

Depois, só se ouviram sons. Explosões de magia elemental; unicórnios a guinchar. Mais gritos da multidão e um ressoar inconfundível de passos, à medida que os insulares tentavam fugir. Quando passaram a correr pela câmara, com as vozes em pânico a misturarem-se, Skandar percebeu duas palavras repetidas vezes sem conta.

*O Tear.*

Skandar nunca ouvira falar do Tear, mas quanto mais o nome era murmurado, gritado e berrado pela multidão, mais começava a assustá-lo.

## O ROUBO

Virou-se para o Pai, que ainda olhava incrédulo para o fumo negro e rodopiante no ecrã de televisão. Kenna antecipou a pergunta que Skandar ia fazer:

— Pai — disse ela calmamente —, quem é o Tear?

— Chiu! — Ele abanou uma mão. — Está a acontecer qualquer coisa.

A imagem tornou-se mais nítida, à medida que o fumo se dissipava. Uma figura caída de joelhos na areia emitia um som que oscilava entre um soluço e um grito. Ainda estava de armadura, com *McGrath* pintado a azul nas costas, rodeada pelos outros cavaleiros.

— Por favor — o choro de Aspen ecoou na arena —, por favor, tragam-no de volta!

Federico Jones — esquecendo a ferocidade da corrida — conseguiu pôr Aspen de pé, mas ela continuava a gritar.

— O Tear levou-o. Ele foi-se. Ganhámos e o Tear... — Aspen engasgou-se na última palavra, com lágrimas a correrem pela sua cara manchada de pó.

Uma voz ríspida estalou como um chicote:

— Tirem-me estas câmaras daqui! Agora! O Continente não pode ver isto. Tirem-nas daqui, agora!

Os unicórnios começaram a guinchar e a bramir, num som ensurdedor. Os seus cavaleiros saltaram para as selas, tentando acalmá-los enquanto eles se empinavam e espumavam da boca, parecendo mais monstruosos do que Skandar alguma vez os vira.

Restou apenas um dos 25 cavaleiros de pé, na areia: a detentora da água vencedora, Aspen McGrath. Mas o seu unicórnio, Gelo da Nova Era, não estava em parte nenhuma.



## SKANDAR E O ROUBO DO UNICÓRNIO

— Quem é o Tear? — perguntou Kenna de novo, com uma voz insistente.

Mas ninguém lhe respondeu.

PREPARA-TE PARA UMA AVENTURA ÉPICA CHEIA DE HERÓIS IMPROVÁVEIS, MAGIA SURPREENDENTE, BATALHAS NOS CÉUS, SEGREDOS ANTIGOS E UNICÓRNIOS FERÓZES, QUE FARÃO O TEU CORAÇÃO DISPARAR.






Skandar Smith sempre quis ser um cavaleiro de unicórnios. Ao completar treze anos, prepara-se para fazer o Exame de Incubação e espera ter a sorte de ser emparelhado com um destes animais extraordinários.

Porém, quando o seu sonho está prestes a realizar-se, os acontecimentos tomam um rumo muito mais perigoso do que ele poderia imaginar. Um sombrio e perverso inimigo rouba o unicórnio mais poderoso da Ilha. Cabe agora a Skandar e aos seus novos amigos encontrar o ladrão e repor a ordem. Só que, à medida que a ameaça se aproxima, Skandar descobre um segredo que pode destruir o seu mundo para sempre...



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
 penguinkidspt  
 penguinlivros

ISBN 9789897845475



9 789897 845475 >